

Entre Jerusalém e Roma¹

Reflexões sobre 50 Anos de *Nostra Aetate*

Preâmbulo

No relato bíblico da criação, Deus forma um único ser humano como progenitor de toda a humanidade. Assim, a mensagem inconfundível da Bíblia é que todos os seres humanos são membros de uma única família. E depois do dilúvio de Noé, esta mensagem é reforçada quando a nova fase da história é mais uma vez, inaugurada por uma única família. No início, a providência de Deus foi exercida sobre uma humanidade universal e indiferenciada.

Como Deus escolheu *Avraham* (Abraão), e posteriormente *Yitzchak* (Isaac) e *Yaakov* (Jacó), Ele lhes confiou uma missão dupla: fundar a nação de Israel que herdaria, estabelecer e fixaria uma sociedade modelo na terra santa e prometida de Israel, tudo enquanto serviria de fonte de luz para toda a humanidade.

Desde então, particularmente depois da destruição do Segundo Templo em Jerusalém em 70 A.E.C. (antes da era comum) pelos romanos, nós, judeus, encontramos perseguição seguida de exílio e de perseguição. E ainda, o Eterno de Israel não mente, e Sua aliança eterna com a nação de Israel manifestou-se sucessivamente: apesar das maiores adversidades, nossa nação resistiu.

Seguida a hora mais tenebrosa desde a destruição do nosso Templo Sagrado em Jerusalém, quando seis milhões de nossos irmãos foram violentamente assassinados e as brasas de seus ossos estavam ardendo nas sombras dos crematórios nazistas, a aliança eterna de Deus voltou a se manifestar, os restos de Israel reuniram suas forças e promoveram um despertar milagroso da consciência judaica. As comunidades foram restabelecidas em toda a diáspora, e muitos judeus responderam ao chamado luminoso para retornar a *Eretz Yisrael* (Terra de Israel), onde surgiu um estado judeu soberano.

O duplo dever do povo judeu de ser luz para as nações e garantir o seu próprio futuro apesar do ódio e da violência do mundo - foram extremamente difíceis de cumprir. Apesar de inúmeros obstáculos, a nação judaica legou muitas bênçãos à humanidade, tanto no domínio das ciências, da cultura, da filosofia, da literatura, quanto da tecnologia e do comércio, e nos

¹ Tradução Irmão Elio Passeto, nds. Jerusalém - Israel

domínios da fé, da espiritualidade, da ética e da moralidade. Essas, também, são uma manifestação da aliança eterna de Deus com o povo judeu.

Sem dúvida, a *Shoah* (palavra que pode ser traduzida por ‘catástrofe’; ‘flagelo’) constitui o divisor de águas histórico das relações entre judeus e nossos vizinhos não-judeus na Europa. Do outro lado do continente alimentado pelo cristianismo durante mais de um milênio, brotou um ataque amargo e maligno, assassinando seis milhões de nossos irmãos com precisão industrial, incluindo um milhão e meio de crianças. Muitos dos que participaram deste crime mais hediondo, exterminando famílias e comunidades inteiras, foram nutridos em famílias e comunidades cristãs.

Ao mesmo tempo, ao longo desse milênio, mesmo em tempos muito tenebrosos, surgiram atitudes individuais heroicas - filhos e filhas da Igreja Católica, leigos e líderes - que lutaram contra a perseguição dos judeus, ajudando-os nos tempos mais sombrios.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, uma nova era de coexistência e aceitação pacífica deu início em países da Europa Ocidental, e uma era de construção de pontes e tolerância passou a existir entre muitas denominações cristãs. As comunidades de fé reavaliaram suas rejeições históricas em relação aos outros e começaram décadas de interação frutuosa e cooperação. Além disso, embora nós, judeus, tivéssemos alcançado a emancipação política há mais ou menos um século, ainda não éramos realmente aceitos como membros iguais e de pleno direito das nações em que vivíamos. Seguindo a *Shoah*, a emancipação judaica na Diáspora, bem como o direito do povo judeu de viver como uma nação soberana em nossa própria terra, finalmente tornou-se óbvio e natural.

Durante as sete décadas que se seguiram, comunidades judaicas e líderes espirituais, gradualmente reavaliaram o relacionamento do judaísmo com os membros e líderes de outras comunidades de fé.

Vira-volta - Nostra Aetate

Há cinquenta anos, vinte anos depois da *Shoah*, com a sua declaração *Nostra Aetate* (Nº 4), a Igreja Católica iniciou um processo de introspecção que expurgou a partir das raízes da doutrina da Igreja qualquer hostilidade em relação aos judeus, permitindo que a confiança crescesse entre nossas respectivas comunidades de fé.

A este respeito, o Papa João XXIII foi uma figura transformadora nas relações judaico-católicas, não menos do que na história da própria Igreja. Ele desempenhou um papel corajoso no resgate dos judeus durante o Holocausto, e foi sua compreensão da necessidade

de revisar "o ensino do desprezo" que ajudou a superar a resistência às mudanças e, em última instância, facilitou a adoção de *Nostra Aetate* (nº 4).

Compreendemos que, na sua afirmação mais concentrada, concreta e, para a Igreja, mais dramática, *Nostra Aetate* reconheceu que qualquer judeu que não foi diretamente e pessoalmente envolvido na Crucificação não assumiu qualquer responsabilidade por isso. As elaborações e explicações sobre este tema do Papa Bento XVI são particularmente dignas de nota.

Além disso, entendemos que baseando-se nas Escrituras cristãs, *Nostra Aetate* afirmou que a divina Eleição de Israel, chamada de "dom de Deus", não será nunca revogada, afirmando: "Deus ... não se arrepende dos dons que Ele faz ou dos seus chamados." Ele emitiu a liminar de que "os judeus não devem ser apresentados como rejeitados ou malditos por Deus". Mais tarde, em 2013, o Papa Francisco elaborou esse tema em sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: "Deus continua a agir junto ao povo da Antiga Aliança e produzir tesouros de sabedoria que fluem de seu encontro com a Sua palavra".

A nosso ver, *Nostra Aetate* também abriu o caminho para o estabelecimento de relações diplomáticas plenas, em 1993, entre o Estado de Israel e o Vaticano. Através do estabelecimento desta relação, a Igreja Católica mostrou como ela realmente repudiou a imagem do povo judeu como uma nação condenada a vagar até o último advento. Este momento histórico facilitou a peregrinação do Papa João Paulo II a Israel em 2000, que serviu como outra demonstração poderosa de uma nova era nas relações católico-judaicas. Desde então, os dois últimos papas também fizeram visitas de estado semelhantes.

Nostra Aetate fortemente "condena o ódio, as perseguições, as manifestações de antissemitismo, dirigidas contra os judeus a qualquer momento e por qualquer pessoa" como uma questão de dever religioso. Por conseguinte, o Papa João Paulo II afirmou repetidamente que o antissemitismo é "um pecado contra Deus e a humanidade". No muro ocidental de Jerusalém, recitou a seguinte oração:

Deus de nossos pais, Tu que escolheste Abraão e seus descendentes para trazer Teu Nome às Nações. Estamos profundamente entristecidos com o comportamento daqueles que, ao longo da história, causaram sofrimentos aos Teus filhos e, pedindo o Teu perdão, desejamos comprometer-nos à fraternidade genuína com o povo da Aliança.

O Papa Francisco recentemente reconheceu uma forma nova, penetrante e até de moda de antissemitismo, quando disse em uma delegação ao Congresso Judaico Mundial: "atacar judeus é antissemitismo, mas um ataque direto ao Estado de Israel também é antissemitismo.

Pode haver desentendimentos políticos entre governos e em questões políticas, mas o Estado de Israel tem todo o direito de existir em segurança e prosperidade".

Finalmente, *Nostra Aetate* fez um apelo para promover a "compreensão e respeito mútuos" e para a realização de "diálogos fraternos". Em 1974, o Papa Paulo VI atendeu este chamado criando a Pontifícia Comissão para Relações Religiosas com os Judeus; A comunidade judaica, em resposta a esta iniciativa, reuniu-se regularmente com representantes da Igreja.

Nós aplaudimos o trabalho dos Papas, dos líderes da Igreja e estudiosos que contribuíram apaixonadamente para esses desenvolvimentos, incluindo os defensores do diálogo católico-judaico no final da Segunda Guerra Mundial, cujo trabalho coletivo foi o principal impulso para a Declaração *Nostra Aetate*. Os marcos mais importantes foram o Concílio Vaticano II, o estabelecimento da Pontifícia Comissão para Relações Religiosas com os Judeus, o reconhecimento do judaísmo como uma religião viva com uma Aliança Eterna, o reconhecimento do significado da *Shoah* e seus antecedentes e o estabelecimento das relações diplomáticas com o Estado de Israel. Os escritos teológicos dos chefes da Comissão de Relações Religiosas com os judeus contribuíram muito para os documentos da Igreja que seguiram *Nostra Aetate*, assim como os escritos de inúmeros outros teólogos.

Em suas recentes reflexões sobre *Nostra Aetate*, "Os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis", a Pontifícia Comissão aprovou inequivocamente a noção de que os judeus participam da salvação de Deus, chamando essa ideia de "um mistério divino insondável". Além disso, proclamou que "A Igreja Católica nem conduz nem sustenta qualquer trabalho missionário institucional específico dirigido aos judeus". Embora a Igreja Católica não tenha repudiado testemunhar junto aos judeus, nós entendemos, no entanto, que ela mostrou compreensão e sensibilidade para com as profundas sensibilidades judaicas e tomou distancia de fazer missão ativa junto judeus.

A transformação evidente da atitude da Igreja em relação à comunidade judaica é surpreendentemente exemplificada pela recente visita do Papa Francisco a uma sinagoga, o que o torna o terceiro Papa a fazer este gesto altamente significativo. Nós fazemos eco de seu comentário: "De inimigos e estranhos nos tornamos amigos e irmãos. Espero que a proximidade, a compreensão mútua e o respeito entre as nossas duas comunidades continuem a crescer".

Essas atitudes e ações acolhedoras contrastam com séculos de ensinamentos de desprezo e de hostilidade generalizada e anunciam um capítulo muito encorajador em um processo épico de transformação societária.

Avaliação e reavaliação

Inicialmente, muitos líderes judeus eram céticos quanto à sinceridade das propostas da Igreja à comunidade judaica, devido à longa história do anti-judaísmo cristão. Ao longo do tempo, tornou-se claro que as transformações nas atitudes e ensinamentos da Igreja não são apenas sinceras, mas também cada vez mais profundas, e estamos entrando em uma era de crescente tolerância, respeito mútuo e solidariedade entre os membros de nossas respectivas comunidades.

O judaísmo ortodoxo - através da União Ortodoxa Americana e do Conselho Rabínico da América - já fazia parte do Comitê Judaico Internacional para Consultas Interreligiosas (IJCIC) criado no final dos anos sessenta, como o representante oficial judeu para as relações com o Vaticano.

Uma nova página nas relações do judaísmo ortodoxo com a Igreja Católica foi virada com o estabelecimento do comitê bilateral do Rabinato Chefe de Israel com o Vaticano, dando início em 2002, sob a presidência do Rabino-chefe de Haifa Rabi *She'ar Yashuv Cohen*. As declarações publicadas nas treze reuniões desta comissão bilateral (alternando anualmente entre Roma e Jerusalém) trata cuidadosamente das questões relativas aos fundamentos da fé, mas abordam um amplo espectro de desafios sociais e científicos contemporâneos, destacando os valores compartilhados, respeitando as diferenças entre as duas tradições de fé.

Reconhecemos que esta fraternidade não pode eliminar nossas diferenças doutrinárias; ela, em vez disso, reforça as genuínas disposições positivas mútuas em relação aos valores fundamentais que compartilhamos, incluindo, entre outros, a reverência pela Bíblia hebraica.

As diferenças teológicas entre judaísmo e cristianismo são profundas. As principais convicções do cristianismo que se centram na pessoa de "Jesus como Messias" e a encarnação da "segunda pessoa de um Deus trino" cria uma separação irreconciliável do judaísmo. A história do martírio judaico na Europa cristã serve como testemunho trágico da devoção e tenacidade com que os judeus resistiram a crenças incompatíveis com sua fé antiga e eterna, o que exige absoluta fidelidade à *Torá* Escrita e Oral. Apesar dessas profundas diferenças, algumas das mais altas autoridades do judaísmo afirmam que os cristãos mantêm um *status* especial porque adoram o Criador dos Céus e da Terra, que libertou o povo de Israel da escravidão egípcia e que exerce a providência sobre toda a criação.

As diferenças doutrinárias são essenciais e não podem ser debatidas ou negociadas; seus significados e importâncias pertencem às liberdades internas das respectivas comunidades de

fé. O judaísmo, tirando sua particularidade de sua tradição recebida, voltando aos dias de seus gloriosos profetas e particularmente à Revelação no Sinai, permanecerá para sempre leal aos seus princípios, leis e ensinamentos eternos. Além disso, nossas discussões inter-religiosas são fundadas pelos conhecimentos profundos de pensadores judeus tão grandes como o rabino Joseph Ber Soloveitchik, Rabi Lord Immanuel Jakobovits, e muitos outros, que eloquentemente argumentaram que a experiência religiosa é privada, que muitas vezes só pode ser verdadeiramente entendida no âmbito de sua própria comunidade de fé.

No entanto, as diferenças doutrinárias não impedem a nossa colaboração pacífica para o melhoramento de nosso mundo compartilhado e a vida dos filhos de Noé. Para esse fim, é crucial que nossas comunidades de fé continuem a encontrar-se e se familiarizarem e ganhar a confiança uns dos outros.

Portanto, declaramos

Apesar das diferenças teológicas irreconciliáveis, nós judeus consideramos os católicos como nossos parceiros, aliados íntimos, amigos e irmãos em nossa busca mútua por um mundo melhor abençoado com paz, justiça social e segurança.

Compreendemos a nossa missão judaica incluindo ser luz para as nações, o que nos obriga a contribuir para a apreciação da humanidade pela santidade, moralidade e piedade. À medida que o mundo ocidental se torna cada vez mais secular, abandona muitos dos valores morais compartilhados por judeus e cristãos. A liberdade religiosa é, portanto, cada vez mais ameaçada pelas forças do secularismo e dos extremismos religiosos. Buscamos, portanto, a parceria da comunidade católica em particular, e outras comunidades de fé em geral, assegurar o futuro da liberdade religiosa, promover os princípios morais de nossas crenças, em particular a santidade da vida e o significado da família tradicional, e "Cultivar a consciência moral e religiosa da sociedade".

Uma das lições da *Shoah* são as obrigações, tanto para os judeus como para os gentios, é o combate contra antissemitismo em particular, especialmente à luz de um crescente antissemitismo. Essas lições devem ser expressas tanto nas esferas educacional quanto jurídica de todas as nações, sem trégua.

Além disso, como um povo que sofreu perseguição e genocídio ao longo da nossa história, todos estamos conscientes do perigo muito real que enfrentam muitos cristãos no Oriente Médio e em outros lugares; como eles são perseguidos e ameaçados pela violência e a

morte pelas mãos daqueles que invocam o Nome de Deus em vão através da violência e do terror.

Nós condenamos aqui toda e qualquer violência contra qualquer pessoa em virtude de suas crenças ou de sua religião. Condenamos igualmente todos os atos de vandalismo, destruição e/ou destituição dos lugares sagrados de todas as religiões.

Pedimos à Igreja que se junte a nós para aprofundar nosso combate contra a nova barbárie da nossa geração, ou seja, os ramos radicais do islamismo, que põe em perigo a nossa sociedade global e não poupa os numerosos muçulmanos moderados. Essa barbárie ameaça a paz mundial em geral e as comunidades cristã e judaica em particular. Pedimos a todas as pessoas de boa vontade que unam forças para combater este mal.

Apesar das profundas diferenças teológicas, os católicos e os judeus compartilham crenças comuns na origem divina da *Torá* e na ideia de uma redenção final, e agora, também, na afirmação de que as religiões devem usar o comportamento moral e a educação religiosa - não para a guerra, para a coerção, ou pressão social - mas para influenciar e inspirar.

Normalmente, nos abstermos de expressar expectativas em relação às doutrinas das outras comunidades de fé. No entanto, certos tipos de doutrinas causam o sofrimento real; Essas doutrinas, ritos e ensinamentos cristãos que expressam atitudes negativas em relação aos judeus e ao judaísmo inspiram e nutrem o antissemitismo. Portanto, para estender as relações amigáveis e as causas comuns cultivadas entre católicos e judeus como resultados de *Nostra Aetate*, invocamos todas as denominações cristãs que ainda não o fizeram para seguir o exemplo da Igreja Católica e extirpar o antissemitismo presente em suas liturgias e doutrinas, e cessar com o proselitismo junto aos judeus e trabalhar lado a lado em prol de um mundo melhor conosco, o povo judeu.

Buscamos aprofundar o nosso diálogo e parceria com a Igreja, a fim de fomentar a nossa compreensão mútua e avançar os objetivos acima mencionados. Procuramos encontrar maneiras adicionais que nos permitam, em conjunto, para melhorar o mundo: para seguir os caminhos de Deus, alimentando os famintos e vestindo os nus, dando alegria para viúvas e órfãos, fornecendo refúgio para os perseguidos e oprimidos, e, assim, merecer Suas bênçãos.

Para o CER:

Rabi Pinchas Goldschmidt, Presidente da CER, Rabino Dr. Riccardo Di Segni, Vice-Presidente da RRC, Rabino Arie Folger, Presidente Nostra Aetate Response Committee

Para o Rabinato Chefe de Israel: Rabino Dr. Ratzon Arusi, Presidente da Comissão do Rabinato Chefe de Israel para Assuntos Inter-Religiosos

Para o RCA: Rabino Elazar Muskin, Presidente da RCA, Rabi Mark Dratch, RCA Vice-Presidente Executivo Rabi Dr. David Berger Consultor Sênior de Assuntos Inter-religiosos.

Sobre as Organizações Signatárias:**CER:**

A Conferência dos Rabinos Europeus (CER) é a principal aliança rabínica na Europa. Ela une mais de 700 líderes religiosos das principais comunidades de sinagoga na Europa. A conferência destina-se a manter e defender os direitos religiosos dos judeus na Europa e tornou-se a voz do judaísmo para o continente europeu.

Chefe Rabinato de Israel

O chefe do Rabinato de Israel é reconhecido por Lei israelense como chefe da lei religiosa e autoridade espiritual para o povo judeu em Israel. Um Conselho Chefe do Rabinato auxilia os dois principais rabinos, que se alternam em sua presidência. Tem Autoridade legal e administrativa para organizar arranjos religiosos para os judeus de Israel. Isso também responde às questões halakicas submetidas por Órgãos públicos judeus na diáspora. Por lei, o chefe do rabinato tem jurisdição sobre o casamento e divórcio, enterros dos judeus, conversão ao judaísmo, estabelecendo identidade judaica, supervisão do sistema de tribunais rabínicos, certificação kosher e supervisão de lugares sagrados.

RCA

Rabbinical Council of America, com sede nacional em Nova York, é uma organização profissional que atende mais de 1000 rabinos ortodoxos nos Estados Unidos da América, Canadá, Israel e em todo o mundo. A associação é composta por rabinos ortodoxos devidamente ordenados que servem em posições do rabinato congregacional, educação judaica, capelanias e outros campos aliados do trabalho comunal judaico.